

# Capítulo 3

## A AVALIAÇÃO ESCOLAR NO PERÍODO DE PANDEMIA DO COVID-19



## A AVALIAÇÃO ESCOLAR NO PERÍODO DE PANDEMIA DO COVID-19

## SCHOOL ASSESSMENT IN THE PANDEMIC PERIOD OF COVID-19

Paulo Sergio De Moraes<sup>1</sup>

Bernadete Maria Ribeiro dos Santos<sup>2</sup>

Sandra Scheidt Rodrigues<sup>3</sup>

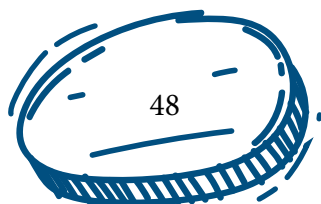
**Resumo:** O presente estudo tem como objetivo analisar a avaliação escolar no período de pandemia do covid-19. O estudo realizado trata-se de uma pesquisa bibliográfica, ao qual, utilizou-se de livros, artigos, entre outros estudos como embasamento teórico. Em tempos de pandemia, torna-se imperativo que quase todos passem por algum tipo de avaliação psicológica. É fundamental ressaltar a importância dessa avaliação tanto para os alunos quanto para os professores. É fundamental esclarecer que a educação emocional não é uma forma de terapia, mas sim um meio de dotar os alunos de ferramentas para se autogerenciarem em situações de alto estresse e aliviar as pressões associadas aos testes, entre outras coisas. Mesmo antes do início da pandemia, havia um aumento notável no número de jovens com depressão e outros transtornos psiquiátricos. Avaliar ou pelo menos considerar esse aspecto é fundamental na estruturação do currículo e das avaliações. Durante a pandemia e a transição para o ensino remoto, houve uma perda temporária ou limitação da autoridade do professor nos processos de ensino e avaliação. A capacidade de monitorar e orientar fisicamente os alunos não era mais possível. Como resultado, muitos alunos se sentiram perdidos e incertos sobre o que deveriam fazer até que a escola se organizasse melhor. Na verdade, esta situação continua a persistir em muitos

---

1 Mestre em Ciências da Educação pela Veni Creator Christian University (VCCU). Graduado em Letras-Português e Inglês pela Universidade do Contestado (UnC).

2 Mestre em Ciências da Educação pela Veni Creator Christian University (VCCU). Graduada em Pedagogia pela Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (UVRP)

3 Mestre em Ciências da Educação pela Veni Creator Christian University (VCCU). Graduada em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UESC)

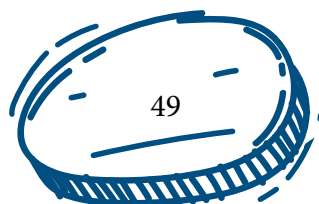


casos. Sem a habitual pressão dos exames e sem o pleno exercício da autoridade do professor, muitos alunos não cumpriam os requisitos mínimos de avaliação, deixavam de fazer os exames ou simplesmente desrespeitavam as suas responsabilidades.

**Palavras-chaves:** Aprendizagem. Avaliação. Pandemia. Covid-19.

**Abstract:** The present study aims to analyze school assessment in the Pandemic period of COVID-19. The study carried out is a bibliographic research, which was used of books, articles, among other studies as the theoretical basis. In times of pandemic, it becomes imperative that almost all go through some kind of psychological assessment. It is essential to emphasize the importance of this assessment for both students and teachers. It is crucial to clarify that emotional education is not a form of therapy, but a means of providing students with tools to self -manage in high stress situations and relieve the pressures associated with tests, among other things. Even before the pandemic began, there was a remarkable increase in the number of young people with depression and other psychiatric disorders. Evaluating or at least considering this aspect is fundamental in curriculum structuring and evaluations. During the pandemic and the transition to remote education, there was a temporary loss or limitation of the teacher's authority in teaching and assessment processes. The ability to physically monitor and guide students no longer possible. As a result, many students felt lost and uncertain about what they should do until the school was better organized. In fact, this situation continues to persist in many cases. Without the usual pressure of the exams and without the full exercise of the teacher's authority, many students did not meet the minimum assessment requirements, failed to do the exams or simply disrespecting their responsibilities.

**Keywords:** learning. Assessment. Pandemic. Covid-19.



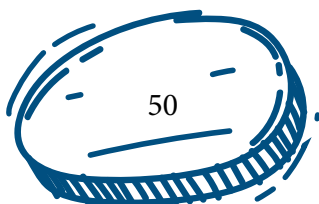
## INTRODUÇÃO

De acordo com Baldes (2021), o início da pandemia de covid-19 chamou a atenção para as questões prementes no sistema educacional. As discussões em torno da desigualdade educacional e discrepâncias no acesso à internet ganharam destaque. De repente, os professores foram confrontados com suas próprias deficiências e desafios em um nível elevado, enquanto os alunos ansiavam pela presença física de seus instrutores e navegavam em tecnologias desconhecidas, como redes sociais e jogos. Todos foram apresentados às plataformas digitais, com graus variados de proficiência, levando alguns indivíduos a passarem por dificuldades.

Da Silva e Freitas (2022) destacam que, atendendo a novas e temporárias demandas, a escola passou por um processo de reorganização. A disparidade entre a educação pública e privada atraiu atenção significativa da mídia e da população em geral. Enquanto muitas escolas já possuíam infraestrutura adequada e educadores bem treinados, outras aderiram a um modelo educacional mais tradicional. Em 2020, a ênfase predominante para a maioria da população voltou-se para os cuidados com a higiene, conforme divulgado pela mídia. Além disso, vários fatores, como as necessidades de alunos desfavorecidos, infraestrutura inadequada em várias cidades e a separação física entre professores e alunos, contribuíram para a evolução do cenário educacional.

Olimpio et al. (2021) diz que, no campo da educação, é amplamente reconhecido que os alunos dos níveis Fundamental e Médio são particularmente dependentes de ambientes de sala de aula tradicionais e, portanto, enfrentam maiores desafios na adaptação a ambientes de aprendizagem online. Isso inclui alunos de escolas particulares, que não estão isentos dessas dificuldades.

Assim, torna-se fundamental abordar a questão da recuperação do conteúdo e da avaliação dos alunos que foram prejudicados por métodos de ensino inadequados, resultando na sua exclusão do processo de aprendizagem. Mesmo em circunstâncias normais, o processo de avaliação apresenta suas próprias complexidades; no entanto, a situação se torna ainda mais complicada quando se considera avaliações no contexto de uma pandemia global.



Deste modo, o presente estudo tem como objetivo analisar a avaliação escolar no período de pandemia do covid-19.

Em discussões anteriores, destaca-se a tendência de avaliar frequentemente os alunos em vez de avaliá-los verdadeiramente, o que envolve a medição real de suas competências e habilidades. O objetivo desta avaliação é informar e orientar as práticas pedagógicas.

No entanto, esse processo essencial nem sempre ocorre como esperado. Muitas vezes, depositamos uma confiança inabalável nos resultados dos testes, aceitando-os quase cegamente. É como se cada aluno fosse tratado como um produto submetido a um controle de qualidade, atendendo aos padrões estabelecidos ou sendo considerado indigno. Consequentemente, aqueles que não atendem aos critérios estabelecidos são desconsiderados ou, no âmbito da educação, rotulados como reprovados (GOMES et al. 2022).

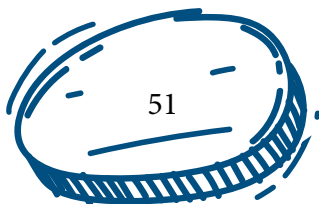
De tal modo, o presente estudo apresenta a seguinte problemática: quais as dificuldades dos professores em relação à avaliação escolar no período de pandemia do covid-19.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **AVALIAÇÕES: CONCEITOS E ATRIBUIÇÕES DAS AVALIAÇÕES DIAGNÓSTICAS, FORMATIVAS E SOMATIVAS**

Avaliar. Palavra que indica, segundo os dicionários, a ação de calcular ou determinar o valor, o merecimento de alguma coisa. No âmbito do aprendizado, avaliar converge para a questão de calcular a capacidade de aprender, de merecer ser promovido ou retido em um determinado nível escolar de acordo com o grau de desempenho alcançado mediante uma medida de valor pré-estabelecida (MIQUELANTE, 2017).

Esse aspecto semântico da palavra, no entanto, difere de algumas proposições quando o assunto é a avaliação escolar. Santos (2016) apresenta um conceito de avaliação educacional ou escolar em que, sendo a mais usual converge para uma ideia de julgamento (em notas ou conceitos) não de



um processo e sim como um evento que ocorre isoladamente, ou seja, um conjunto de atividades que não se articulam.

De antemão, é preciso ressaltar que, em conformidade com o que foi discutido pelo doutor em educação em sua palestra sobre essa temática há algumas questões a serem observadas nos quais esse “julgamento” implica na hora de fazer a avaliação educacional e que, por sua vez, traz algumas consequências.

Essas consequências, podendo ser traduzidas como riscos do que essa prática pode alcançar dado o desrespeito ao fator ético e pragmático na ação de julgar. Ética no que se refere ao direito de julgar alguém em sua totalidade quando a avaliação serve para organizar um currículo escolar e pragmática no sentido de que julgar a totalidade do desempenho medido por uma avaliação em que se recorta uma realidade a que se presta a avaliação é algo quase impossível (FERNANDES, 2013).

Quando se fala em avaliação, pensa-se logo em testes, exames, provas como forma de procedimento e instrumento para delimitar uma medida ou escala. Por certo, os instrumentos utilizados para uma avaliação têm seu peso, logo que a avaliação, em seu conceito mais usual apresentado pelo autor, pondera a relevância de uma medida, um parâmetro que classifica e que, infelizmente, no caso da educação brasileira, vem alcançando resultados e consequências de forma negativa (MIQUELANTE, 2017).

Julga-se como objeto a ser avaliado a condição de o aluno a ser apto ou não apto às condições de aprendizagem por meio de suas respostas em determinado assunto ou parte de um currículo. Fala-se, a partir daqui, da avaliação interna, daquela tida como instrumento e procedimento para julgar a capacidade de desenvolver atividades escolares de nosso alunado (ANTUNES, 2013).

De forma mais ilustrativa, toma-se por exemplo, uma avaliação escolar em que o professor quer analisar a capacidade de produção textual de seus alunos em função de sua condição de criar narrativas sobre um determinado assunto. As melhores notas ou conceitos de avaliação, nesse caso, seriam resguardados aos alunos que, por sua capacidade criativa, inventassem uma história de conto de fadas, com início, meio e fim apresentados de forma feliz como se sua realidade fosse mil maravi-



lhas a todo o momento (GONCALVES; NASCIMENTO, 2010).

Mesmo aos alunos que tenham uma melhor desenvoltura em iniciar uma narrativa em função de sua realidade de vida não tão “idealizada e mais real”, desenvolvendo-a de acordo com fatos que vivencia em seu cotidiano e finalizasse-a de forma trágica, a composição de sua história, poderia ser visto como a de um produtor de textos inapto ao objetivo proposto.

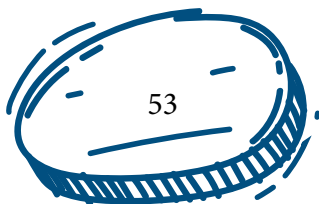
Ressalta-se, nessa ilustração, a condição ética de o professor, quem detém a função e prática avaliativa, de não ter o direito de conceber a produção textual do aluno “x” como satisfatória para o proposto enquanto o aluno “y” não está apto a escrever narrativas por sua falta de ir de encontro ao que os livros, didáticos e paradidáticos, apresentam como narrativas “ideais” (GONCALVES; NASCIMENTO, 2010).

Da mesma forma, a questão pragmática de avaliar não pode concordar que esse instrumento utilizado para avaliar não lhe dá condições de, naquela atividade, mesmo atendida, mas de forma que o professor não espera do aluno, seja um instrumento suficiente de julgar, na totalidade, a capacidade de compor desse dado aluno (ANTUNES, 2013).

O simples juízo de valor atribuído aos dois tipos de textos (o ideal e o não esperado), mesmo que tenha alcançado os elementos que uma narrativa tenha (personagens, eventos, narrador, tempo e espaço) é visto com maus olhos para os que colocaram no papel a sua história real de vida, é o que a prática avaliativa encerra em resultados e consequências.

Mesmo assim, não se pode negar que há a necessidade de avaliação em diversos âmbitos sociais. No entanto, ela não pode ser observada apenas sobre o prisma de interrelacionar o que não se alcança em determinada proposição, e ainda assim sob uma medida determinada por uma terceira pessoa, com o que se alcança em determinada proposição pelo professor com expectativas ideais de produção (BRANDÃO, 2007).

Essa mescla entre o que foi alcançado e o que não foi alcançado em determinado momento, tem sido aplicado como forma de prática avaliativa determinando um juízo de valor que gera, de acordo com Antunes (2013), nas avaliações internas, esses resultados e consequências. Implica dizer,



portanto, que quem alcança tudo o que foi proposto para determinado momento não pode ser aquele que sabe tudo. Por outro lado, quem não alcança nada do que foi proposto em determinado momento escolar, não saiba nada.

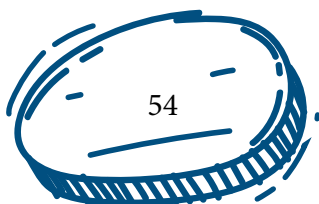
Ainda, pode-se observar que, nessa questão que a avaliação que foge da sua função primordial de organizar o seu currículo e de suas atividades escolares e por isso deve ter uma ligação intrínseca com ele e elas, levam a prática avaliativa ser um instrumento que vai além desse fator. Isso faz com que, dessa forma, o professor, enquanto sujeito único da prática de avaliação, mesmo que por força do discurso ele demarque o aluno o co-autor de sua avaliação, conceba-a como instrumento de produto e não de processo (ANTUNES, 2013).

Essas proposições sobre a avaliação, então, requer uma conceitualização acerca dessa temática. Não obstante, essa conceitualização deve estar em conformidade com a maneira como a avaliação vem sendo discutida nos dias atuais. Assim, ainda em conformidade com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas e Pesquisas Educacionais (INEP), aborda um conceito tendo a avaliação como processo contínuo e amplo que traduz um julgamento de valor com ou sem apoio de medidas (LUCKESI, 2011).

No entanto, ela não pode ser utilizada como sinônimo de medida. A medida a que não se pode atribuir o processo de avaliação, pelo conceito aqui proposto de acordo com o professor, refere-se ao peso dado quando alguém acerta tudo ou não acerta nada em uma atividade escolar (LUCKESI, 2011).

Segundo o autor acima citado, e mais uma vez retomando o pensamento já exposto em outro parágrafo, acertar tudo não implica saber tudo, mas dar conta do que lhe foi proposto e não implica em julgar o que essa pessoa sabe. Da mesma forma, ocorre o contrário: errar tudo não indica que não se sabe nada, mas não alcançar o que lhe foi proposto em determinadas circunstâncias e, mais importante ainda, não implica que essa pessoa não sabe nada.

Isso confirma o que fora do conceito de avaliação escolar ora apresentado, em que se analisa o processo, as ações articuladas que levam ao produto final, mas que ainda não se esgota: a aprendi-





zagem, esses juízos de valores trazem consequências drásticas que se refletem em dados estatísticos apresentados pelo mesmo instituto quando avalia o nível de educação fundamental e médio.

Esse é um dos fatores que Goncalves e Nascimento (2010) aborda sobre o quesito avaliação na aprendizagem, visto que todos a encaram como um paradigma, ensina-se um conteúdo, exercita-o e mede-se a aprendizagem em testes e provas como uma prescrição que não considera fatores intrínsecos e extrínsecos aos seres humanos em fase de aprendizagem, mas que concebe a avaliação como arma de julgar o aprendizado de um sujeito.

Vale, portanto, ressaltar, mediante a afirmação de que avalia-se os alunos, mas não aprende-se como avaliar em nossa formação docente, que existem tipos de avaliações: a diagnóstica, destinado a julgar previamente à ação pedagógica, ou seja, o ensino em um curso ou parte do tópico a ser abordado nele e com o intuito de conhecer o grupo a ser trabalhado. Outra forma de avaliação é a somativa, essa, mais usual, ocorre após o término da ação pedagógica na formação do grupo e tem a noção que o papel do formador encerra-se nela indicando a aprendizagem após tal ação, deixando de lado a oportunidade de avaliar o próprio curso em atividades realizadas e não realizadas (FERNANDES, 2013).

Ainda há a avaliação formativa, julgamento, via de regra, a ser realizada durante a ação pedagógica e destinada aos formadores, permitindo algumas revisões na prática pedagógica e, ainda, em sua metodologia, materiais, dentre outros fatores que auxiliem na dificuldade de aprendizagem e, finalmente, a avaliação classificatória e seletiva, em função dos altos índices de julgamentos negativos, foi o palco, e ainda é, das discussões que geram novas formas de encarar a avaliação interna ou avaliação da aprendizagem (MIQUELANTE, 2017).

Observados, então, os aspectos de avaliação interna, demanda-se a necessidade de apresentar sua relação com a avaliação externa quanto ao ensino e aprendizagem. Para tanto, inicia-se pela conceitualização da avaliação externa. Segundo o palestrante, como a própria nomenclatura indica, a avaliação externa está pautada na característica de um sujeito exterior ao local onde se desenvolve o objeto de avaliação e como esse objeto é avaliado.



## ENSINO REMOTO E DIFICULDADES

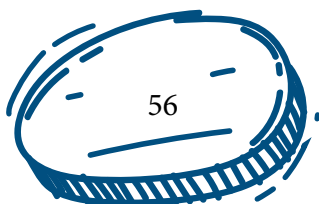
O impacto global da pandemia de Covid-19 resultou na suspensão das aulas presenciais, afetando não só o Brasil, mas o mundo inteiro. À medida que as instituições educacionais fechavam suas portas, o ensino remoto surgiu como uma alternativa proeminente, exigindo que professores, alunos e outros profissionais da educação se ajustassem ao domínio da aprendizagem e instrução online (XIAO; LI, 2020).

Um dos recursos oferecidos pelas alternativas virtuais é a capacidade de participar de atividades educacionais no conforto de sua casa ou em qualquer local de sua preferência. Isso permite que os alunos aproveitem várias ferramentas que facilitam o aprendizado inovador e eficiente, incluindo videoaulas, resumos concisos, webconferências, tutoria online e muito mais (RUBIM, 2016). O conceito de educação a distância serve como um princípio crucial para manter fortes conexões entre alunos, professores e outros profissionais da educação (ARRUDA, 2020, p. 266). Em última análise, isso garante que os alunos possam continuar seus estudos sem a necessidade de sair fisicamente de casa.

No entanto, existem vários fatores que precisam ser considerados, sendo um dos principais problemas da educação a distância a disponibilidade limitada de recursos tecnológicos e a ausência de acesso confiável à internet para todos os indivíduos. Além disso, faltam ambientes de estudo adequados para os alunos. Conseqüentemente, muitos alunos não conseguem se engajar totalmente no ensino a distância devido à falta de equipamentos necessários (OLIVEIRA; SOUZA, 2020).

Como sugere Arruda (2020), é fundamental examinar e analisar o aspecto da igualdade de acesso às tecnologias digitais. Este exame visa garantir que todos os alunos tenham a oportunidade de se envolver em atividades pedagógicas remotas sem enfrentar quaisquer desvantagens ou obstáculos em comparação com seus pares.

Para garantir que a educação seja acessível a todos, é crucial considerar as circunstâncias socioeconômicas dos alunos e os recursos disponíveis para eles, incluindo ferramentas tecnológicas e um ambiente propício ao aprendizado. É imperativo reconhecer que as origens sociais, econômicas



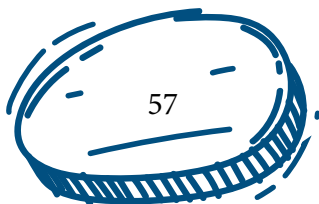
e culturais dos alunos têm um impacto direto em suas realizações acadêmicas (MARQUES, 2020).

Além disso, conforme afirmado por Xiao e Li (2020), um número considerável de educadores se acostumou com métodos de ensino convencionais que dependem fortemente de interações face a face com os alunos. Isso contrasta fortemente com o mundo virtual, onde todas as atividades educativas acontecem por meio da tela do computador, celular ou tablet. Consequentemente, pode-se argumentar que nem todos os professores possuem a adaptabilidade e prontidão necessárias para conduzir aulas com eficácia usando plataformas virtuais. Como resultado, há uma busca contínua por ferramentas e técnicas inovadoras que possam aprimorar as práticas pedagógicas e instrucionais dos professores, permitindo assim o desenvolvimento de novas metodologias de ensino adequadas e altamente favoráveis ao aprendizado dos alunos.

Segundo Marques (2020), destaca-se um dos focos primordiais da atuação de um professor. É crucial, no entanto, considerar outros fatores que justificam a contemplação. Esses fatores incluem a formação inicial e continuada de professores para a educação a distância e o ajuste do sistema de avaliação para alinhar com a modalidade de ensino dentro de um cronograma relativamente condensado para implementação. Consequentemente, os desafios trazidos pela pandemia do COVID-19 levaram a transformações significativas no processo de ensino. Como resultado, os professores agora são obrigados a adotar uma nova abordagem em relação à realidade atual em que nos encontramos. As interações que antes eram face a face agora mudaram para uma plataforma tecnológica, exigindo o engajamento com indivíduos que estão fisicamente distantes (OLIVEIRA; SOUZA, 2020).

No caso de indivíduos serem expostos ao Covid-19, é possível que um subconjunto da população sofra alterações psicopatológicas se não forem tomadas medidas adequadas para lidar com os sintomas específicos exibidos. As consequências psicossociais são influenciadas tanto pela própria pandemia quanto pelo nível de vulnerabilidade na vida do indivíduo. Alguns comportamentos indicativos incluem um aumento do medo de contrair o vírus e sucumbir a ele, bem como a potencial perda de entes queridos e meios de subsistência, resultando em emoções negativas como tristeza e angústia, entre outras (FIO CRUZ, 2020).

Dadas as circunstâncias atuais, optar pelo ensino a distância tornou-se a solução mais vi-



ável para evitar mais interrupções nos horários escolares e calendários acadêmicos. No entanto, as repercussões psicológicas trazidas pela pandemia impactaram negativamente alunos e professores, dificultando o processo de aprendizagem. É imperativo que os educadores levem em consideração as necessidades únicas dos alunos, bem como considerem os fatores sociais, psicológicos e biológicos que podem prejudicar o desempenho acadêmico (CAVALCANTE, et al. 2020).

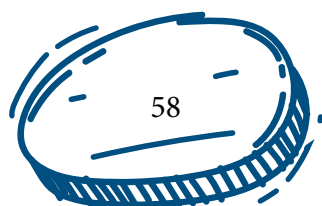
Além disso, o início da pandemia de COVID-19 resultou no fechamento de instituições de ensino, incluindo creches, escolas, cursos preparatórios para vestibulares e universidades. Isso exigiu a implementação de métodos alternativos para garantir a continuidade do processo de ensino e aprendizagem. (SENHORAS, 2020).

Conseqüentemente, a pandemia em curso abriu caminho para o aumento da utilização de tecnologias digitais em um esforço para mitigar seu impacto. Tornou-se imperativo adotar as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) como recursos instrumentais para superar e aprimorar a jornada educacional no nível de graduação.

O tema Educação a Distância sempre foi ponto de discussão nas universidades, tanto públicas quanto privadas. Porém, com a chegada da pandemia, essa discussão ganhou uma nova dimensão. Portanto, ainda que a transição das aulas presenciais para o ensino remoto seja considerada uma resposta urgente, não é um processo simples.

Apoiando esse ponto de vista, Alves (2020) destaca a noção de que, ao examinar essa situação, fica evidente que os educadores contemporâneos enfrentam um obstáculo significativo para se engajar em uma vasta transformação. De um lado, um número expressivo de alunos cresce e se desenvolve em constante exposição ao mundo digital, utilizando dispositivos como tablets e smartphones. Por outro lado, os professores que antes estavam acostumados com suas diversas práticas pedagógicas devem agora reavaliar e explorar novas perspectivas que surgem a partir da integração de tecnologias emergentes.

Os desafios não giram apenas em torno do domínio de novas tecnologias ou plataformas virtuais. Embora a mudança para o ensino a distância pareça ser a opção mais viável para a educação no Brasil atualmente, existem inúmeros obstáculos que devem ser superados, conforme indicado pelo



referido autor.

## **AVALIAÇÃO NO PERÍODO DE PANDEMIA DO COVID-19**

No contexto de uma pandemia, discutir avaliação torna-se um empreendimento desafiador, pois não foram estabelecidas as condições necessárias para sua implementação. Duas condições essenciais são infraestrutura e pedagogia. É sabido que os alunos da Educação Básica não recebiam supervisão presencial de seus professores. Como resultado, surge a pergunta: qual é o curso de ação apropriado? Deve haver promoção automática? O ano letivo deve ser suspenso? Deve haver desaprovação em massa? Ou deveria haver uma consolidação dos anos letivos e a disponibilização de ferramentas para recuperação de conteúdos? Essas perguntas são abundantes, enquanto as respostas permanecem escassas. O ano de 2021, no âmbito da educação, é uma extensão de 2020, apresentando a difícil tarefa de confiar no bom senso e não na precisão técnica quando se trata de avaliação. A ênfase está na criação de um ambiente inclusivo e na manutenção do vínculo dos alunos com a instituição de ensino (GOMES et al. 2022).

É imperativo que as avaliações adotem uma abordagem inclusiva. Do meu ponto de vista, a chave é centrar nossa atenção no reconhecimento de desafios e na realização de avaliações completas. Simplesmente bombardear os alunos com testes e tarefas de avaliação não é a abordagem apropriada. Identificando as dificuldades encontradas, podemos determinar os cursos de ação necessários. É essencial condensar o conteúdo e priorizar as habilidades, além de levar em consideração o bem-estar socioemocional dos alunos, dadas as atuais circunstâncias políticas e de saúde sombrias em que nos encontramos.

Engue e Freitas (2020) assinalam então que, a educação concentra sua atenção em vários assuntos, levando em consideração seus requisitos e limites únicos. A pandemia em curso resultou em um sentimento de impotência devido à presença do medo, do desemprego e da ocorrência de fatalidades e doenças. Este período sem precedentes exige uma abordagem diferenciada das instituições de ensino. Esta infeliz circunstância apresenta uma oportunidade para priorizar a educação emocional



dos alunos, uma vez que as escolas tradicionalmente destinam uma quantidade significativa de tempo para o desenvolvimento de habilidades lógicas e linguísticas. O fornecimento de apoio emocional e uma recepção calorosa são de extrema importância, principalmente em tempos de crise global de saúde.

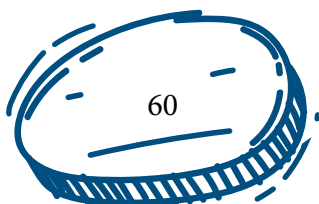
Ao observar as instituições de ensino, percebe-se que elas priorizam o desenvolvimento cognitivo e o conteúdo acadêmico, negligenciando o bem-estar emocional e o acolhimento dos alunos. À luz da atual pandemia global, o ano de 2021 exige um currículo modificado que aborde essa circunstância única. Isso não é para minar a importância da educação técnica, em vez disso, enfatiza o imperativo de também incorporar outras facetas do ensino e da avaliação.

Em tempos de pandemia, torna-se imperativo que quase todos passem por algum tipo de avaliação psicológica. É fundamental ressaltar a importância dessa avaliação tanto para os alunos quanto para os professores. É fundamental esclarecer que a educação emocional não é uma forma de terapia, mas sim um meio de dotar os alunos de ferramentas para se autogerenciarem em situações de alto estresse e aliviar as pressões associadas aos testes, entre outras coisas. Mesmo antes do início da pandemia, havia um aumento notável no número de jovens com depressão e outros transtornos psiquiátricos. Avaliar ou pelo menos considerar esse aspecto é fundamental na estruturação do currículo e das avaliações (PIMENTA; SOUSA, 2021).

No momento atual, a ação mais crucial e imperativa é receber calorosamente os alunos e proporcionar-lhes novas oportunidades. É essencial alocar o máximo de tempo possível para que os alunos se envolvam completamente com o currículo e recebam avaliações justas. Para isso, é imperativo deixar de lado a convicção de longa data de que os instrumentos de avaliação são infalíveis, que está profundamente arraigada na mente dos educadores.

De acordo com Garcia e Garcia (2020), a avaliação engloba várias dimensões, incluindo aspectos cognitivos, de conteúdo, socioemocionais e ideológicos. O indivíduo que conduz a avaliação assume o papel de detentor do conhecimento, enquanto o avaliado tem a tarefa de demonstrar seu conhecimento e compreensão.

A dinâmica entre quem avalia e quem está sendo avaliado muitas vezes pode ser hierárquica



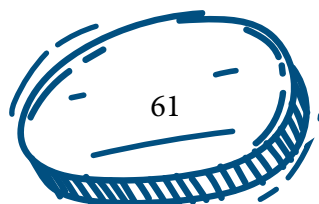
e autoritária, lembrando a dinâmica de poder observada nas relações empregador-empregado. É quase como se as escolas preparassem os alunos apenas para o mercado de trabalho, onde se espera que os indivíduos sigam ordens, sigam uma disciplina rígida e passem por inúmeras avaliações. Esse tipo de relacionamento é predominante nas instituições de ensino, com os professores replicando esses padrões de controle e disciplina, enfatizando excessivamente a pontualidade, sujeitando os alunos a um número excessivo de exames e pressionando-os continuamente por resultados (PIMENTA; SOUSA, 2021).

Tornou-se evidente que o ensino não deve ser interpretado como treinamento para o trabalho ou treinamento do aluno, assim como a avaliação não deve ser interpretada como correção de comportamento ou medição da aquisição de conhecimento prático para a força de trabalho. Isso não quer dizer que estar preparado para o trabalho não seja garantido, ao contrário, minha apreensão reside na maneira como esse treinamento é conduzido (GUIRADO et al. 2021).

Além disso, é imprescindível levar em consideração a responsabilidade da escola em preparar os alunos para uma cidadania ativa, o que só pode ser alcançado por meio de uma educação que priorize o cultivo do pensamento crítico. Ao enfatizar excessivamente os aspectos técnicos, corremos o risco de alimentar indivíduos emocionalmente vulneráveis, sem consciência coletiva e perspectiva crítica. Esses indivíduos, semelhantes a manadas de búfalos, navegam pela vida sem compreender verdadeiramente o contexto em que existem e os sistemas a que estão submetidos.

Ao longo da história, a educação de vários grupos sociais de trabalhadores foi percebida pelas classes dominantes como uma necessidade para dotá-los das habilidades técnicas, sociais e ideológicas necessárias para o seu trabalho. Isso implica alinhar estrategicamente a finalidade da educação com as necessidades e objetivos do capital de forma regulada (GUIRADO et al. 2021).

Da Silva e Freitas (2022) destacam que, de que forma posso modificar o processo de avaliação para cumprir um propósito diferente? Se meu objetivo é não apenas preparar os alunos para tarefas mecânicas ou respostas repetitivas, devo criar uma avaliação que estimule o pensamento crítico e a introspecção. É importante expor os alunos a desafios da vida real que lhes permitam mostrar suas habilidades. Existem várias abordagens de avaliação, como seminários, trabalho de campo, apresen-



tações dramáticas, debates, discussões em grupo, observações, interpretação de textos, entrevistas, pesquisas e muito mais. As formas de avaliação devem contemplar diferentes tipos de inteligência, vários assuntos abordados, as dimensões cognitiva, psicológica e crítico-social mencionadas. Embora possa ser um empreendimento desafiador e incerto, é realmente alcançável. Para que isso aconteça, é fundamental fazer mudanças na formação dos professores, no currículo e nos métodos de avaliação empregados.

De acordo com Baldes (2021), a predominância dos aspectos cognitivos na avaliação está intrinsecamente ligada às competências profissionais e sociais exigidas na vida social, conforme as normas e rotinas ditadas pelo sistema capitalista. O processo educacional é visto como um meio de encaixar os alunos em uma estrutura operacional predeterminada, comparando-os a uma engrenagem em uma máquina enorme. O foco principal é colocado na escola padronizada e nos testes de QI, pois eles fornecem dados objetivos sobre os alunos. O objetivo é que os alunos da escola pública adquiram as habilidades mínimas necessárias para atuar na sociedade, permitindo-lhes seguir carreira em qualquer área. No entanto, essa abordagem muitas vezes negligencia as dimensões socioemocionais e sociocríticas, pois o objetivo é preparar os indivíduos para se adequarem às normas sociais, em vez de desafiá-las e transformá-las.

Olimpio et al. (2021) assinala que, hoje, a abordagem predominante da educação opera dentro de um quadro teórico que vê a educação como um meio de preservar e perpetuar a sociedade. Nesse quadro, a presença do autoritarismo é fundamental para garantir a preservação desse modelo social. Conseqüentemente, a prática da avaliação nas escolas é inerentemente autoritária. O processo de avaliação dos alunos no contexto de um modelo de educação liberal-conservador implica inerentemente o autoritarismo, pois se alinha aos princípios fundamentais dessa perspectiva societária, que prioriza o controle e a conformidade com as normas sociais estabelecidas. Nesse sentido, a avaliação educacional funciona não apenas como uma ferramenta de monitoramento de comportamentos cognitivos, mas também de regulação de comportamentos sociais no ambiente escolar

O caráter desafiador da avaliação para os educadores permanece constante, haja uma pandemia ou não. O passo inicial para a mudança é a compreensão, mas implementar um novo modelo





é uma tarefa complexa devido às diversas demandas e características individuais dos alunos. Antes de realizar avaliações, é essencial definir com precisão o aluno e determinar o tipo de pessoa que pretendemos formar para o mundo. Pensando nisso, ter objetivos de ensino e avaliação claros e bem definidos serve como ponto de partida. A execução desses objetivos requer criatividade, pensamento crítico e disposição do professor para abraçar o desconhecido e navegar pela incerteza. É evidente que a avaliação engloba várias dimensões que devem estar sempre interligadas (PIMENTA; SOUSA, 2021).

O impacto da pandemia serviu apenas para amplificar questões preexistentes. Aqueles que falharam em reconhecer isso provavelmente o fizeram porque se cercaram de crenças e convicções inabaláveis sobre educação e avaliação. Entender como avaliar vai além de reconhecer que nem todos seguirão carreiras nas áreas científica, médica ou de engenharia. Significa reconhecer que os indivíduos podem alcançar o sucesso nos esportes, na arte e no empreendedorismo.

No entanto, há mais do que isso. É responsabilidade das escolas cultivar cidadãos que se dediquem ao seu país, possuam habilidades de pensamento crítico, demonstrem resiliência emocional e demonstrem empatia. Isso apresenta o maior desafio. Se um aluno escolhe se tornar um mecânico ou uma empregada é irrelevante. O que importa é que se tornem cidadãos ativos, éticos, sensíveis, criativos e críticos. Ao cumprir seu papel de educador, o professor contribui para a melhoria da sociedade, permitindo a valorização de todas as profissões, independentemente de hierarquia ou status social.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Durante a pandemia e a transição para o ensino remoto, houve uma perda temporária ou limitação da autoridade do professor nos processos de ensino e avaliação. A capacidade de monitorar e orientar fisicamente os alunos não era mais possível. Como resultado, muitos alunos se sentiram perdidos e incertos sobre o que deveriam fazer até que a escola se organizasse melhor. Na verdade, esta situação continua a persistir em muitos casos. Sem a habitual pressão dos exames e sem o pleno exercício da autoridade do professor, muitos alunos não cumpriam os requisitos mínimos de avalia-



ção, deixavam de fazer os exames ou simplesmente desrespeitavam as suas responsabilidades.

Ao escapar da rigorosa estrutura do exigente horário da escola, a maioria dos alunos deve ter experimentado uma sensação de liberação de suas obrigações. Essa transição provoca uma mudança brusca na dinâmica de suas relações: depois de anos sob estrita supervisão, surge um novo distanciamento, acompanhado de despreparo para lidar com as novas tecnologias. É como se se tivesse materializado um grande fosso, criando um fosso entre professores e alunos, ainda que um pouco colmatado pela presença das plataformas de redes sociais, mais populares entre os alunos e que permitem um melhor acompanhamento.

No entanto, essa distância abrange mais do que apenas o espaço físico entre educadores e educandos; também representa uma lacuna significativa entre a instituição educacional e o mundo mais amplo, bem como entre a escola e a vida pessoal dos alunos.

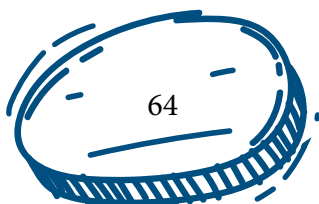
Enfrentar os mesmos desafios, esforçando-se para perdurar, esforçando-se para educar, esforçando-se para adquirir conhecimento; é possível que os laços de união e camaradagem entre os indivíduos da comunidade educativa tenham se fortalecido, ou, em alguns casos, os desentendimentos se intensificaram. A pandemia e a transição para o ensino remoto são territórios desconhecidos para muitos indivíduos, e os impactos duradouros na comunidade escolar após esse evento calamitoso permanecem incertos.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. A avaliação da aprendizagem escolar. 10ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

ARRUDA, E, P. Educação Remota Emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. Em Rede: Revista de Educação à Distância, Porto Alegre, v.7, n.1, p. 257-275, 2020.

BALDES, Márcio Andrade Lyrio. A pandemia da covid-19 e os desafios de avaliar a aprendizagem. Revista Educação Pública, v. 21, nº 10, 23 de março de 2021.



BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é Educação. São Paulo: Brasiliense, 2007.

CAVALCANTE, A. S. P. et al. Educação superior em saúde: a educação a distância em meio à crise do novo coronavírus no Brasil. Rev. Avancesen Enfermería. v. 38, n. 1. 2020.

DA SILVA, Natália Luczkiewicz; FREITAS, Inalda Maria Duarte de. Avaliação escolar em tempos de pandemia: possibilidades e incontingências. Revista Gatilho, Juiz de Fora, v. 22, n. 1, p. 7-29, 2022.

ENGUE, Máira Aparecida Souza; FREITAS, Edilene Aparecida Simão. A avaliação da aprendizagem durante a pandemia de Covid-19. Revista Científica Eletrônica de Ciências Aplicadas da FAIT. n. 2. Novembro, 2020.

FERNANDES, P. A avaliação da aprendizagem: da pluralidade de enunciações à dualidade de concepções. Estudos em Avaliação Educacional, São Paulo, v. 4, n. 55, p. 304-334, 2013.

FIOCRUZ, F. O. C. Cartilha Saúde Mental e Atenção Psicossocial-Informações Gerais. 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/documento/cartilha-saude-mental-e-atencao-psicossocial-na-pandemia-covid-19>. Acesso em: 11 jul. 2023.

GARCIA, Joe; GARCIA, Nicolas Fish. Impactos da pandemia de COVID-19 nas práticas de avaliação da aprendizagem na graduação. Eccos -Revista Científica, São Paulo, n. 55, p. 1-14, e18870, out./dez.2020.

GOMES, S. dos S., FLORES, M. J., OLIVEIRA, B. M. de, & MOTTA, A. R. Gestão educacional e avaliação no contexto da pandemia da covid-19. Linhas Críticas, v.27, 2022.

GUIRADO, G. M. P., GUIRADO, V. M. P., OLIVEIRA, E., QUEIROZ, P. E.; GARCIA, R. Avaliação da qualidade de vida de trabalhadores antes e durante a pandemia de COVID-19 por meio do questionário SF-36. Rev. Gest. Sist. Saúde, São Paulo, v.10, n.1, p.84-105, jan./abr. 2021.

LUCKESI. CIPRIANO Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. 22ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

MARQUES, R. A resignificação da educação e o processo de ensino e aprendizagem no contexto de pandemia da covid-19. Rev. Boletim de Conjuntura (BOCA), Boa Vista, v. 3, n. 7. p. 31-46, 2020.



MIQUELANTE, M. A.; PONTARA, C. L.; CRISTOVÃO, V. L. L.; SILVA, R. O. As modalidades da avaliação e as etapas da sequência didática: articulações possíveis. *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas, n (56.1): 259-299, jan./abr. 2017.

OLIMPIO, N. L. A.; MACIEL, A. de O.; SAMPAIO, M. L.; MORAIS, F. R. C. de. Avaliação da aprendizagem em tempos de pandemia: um relato de experiência no ciclo de alfabetização. *Revista de Instrumentos, Modelos e Políticas em Avaliação Educacional*, [S. l.], v. 2, n. 3, p. e021024, 2021.

OLIVEIRA, H. V.; SOUZA, F. S. Do conteúdo programático ao sistema de avaliação: reflexões educacionais em tempos de pandemia (COVID-19). *Rev. Boletim de Conjuntura (BOCA)*, Boa Vista, v. 2, n. 5, p. 15-24, 2020.

PIMENTA, C. O.; SOUSA, S. Z. Avaliação em tempos de pandemia: oportunidade de recriar a escola. *Estudos em Avaliação Educacional*, São Paulo, v. 32, p. e08274, 2021.

RUBIM, J. P. A utilização da experimentação remota como ferramenta de ensino: uma revisão da literatura. *Dissertação (Mestrado em Modelagem Computacional de Sistemas)*, Universidade Federal do Tocantins –UFT, 2016.

SENHORAS, E. M. Coronavírus e Educação: Análise dos Impactos Assimétricos. *Rev. Boletim de Conjuntura (BOCA)*, Boa Vista, v. 2, n. 5, p. 128-136, 2020.

SILVA, Joel Figueiredo da. et al. A utilização das metodologias ativas no ensino da matemática. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. Ano. 08, Ed. 05, Vol. 01, pp. 122-136. Maio de 2023.

XIAO, C; LI, Y. Analysis on the Influence of Epidemic on Education in China. In: DAS, Veena; KHAN, Naveeda (ed.). *Covid-19 and Student Focused Concerns: Threatsand Possibilities*, American Ethnologist website, 2020.

